

«OS LUSÍADAS» E O ANTIGO TESTAMENTO

por
JOSÉ NUNES CARREIRA

Concordo que seja «mais que tempo de ler *Os Lusíadas* como um poema e não como um repositório devoto de verdades patrióticas, morais, políticas, ideológicas, filosóficas, religiosas, ou místicas sumptuosas versificadas. Não porque essas 'verdades' de algum modo não se possam encontrar lá ou pelo menos o reflexo e eco delas, mas porque estão inseridas e envolvidas por algo bem mais decisivo e radical que é o 'eu profundo' do poeta e sob ele o inconsciente de uma época particularmente complexa e dilacerada cuja expressão verdadeira é de ordem mítica (mitológica) e simbólica»¹.

Mas também é evidente que o *monumentum aere perennius* erguido com as formas sonoras da épica, da lírica e do teatro camoniano não cresceu de nenhum vazio interior, ainda que supostamente genial. Há sentido e significado nessas estruturas linguísticas. Há conteúdo nocional a acompanhar a elevação estética.

Não é preciso dourar a realidade, sublimando-a na categoria de «verdade». Estudar o Antigo Testamento n'*Os Lusíadas*

¹ E. Lourenço, *Camões, diferente*, em «Expresso», 21.6.1980, p. I.

ou em Camões não é divagar em construções teológicas², acrescentando quiçá um pilar à hipótese de Camões — estudante de Teologia³.

Mais do que «repositório devoto de verdades» até o Antigo Testamento é primariamente literatura. Tem estruturas de linguagem coloquial e técnica (jurídica, por exemplo). Mas, na sua maior parte, é linguagem requintadamente artística, numa impressionante variedade de géneros: épica e lírica, história e novela, lenda e tradição, poesia do melhor quilate a endereçar flechas de recriminação profética, a subir como incenso nos hinos de louvor, a cantar as saudades de Sião e as formas graciosas da mulher amada. É toda uma vivência, vasta, longa e profunda, da sublime *actio Dei* a moldar-se em formas sonoras e significativas. É o espelho da contraposta *reactio hominum*, tantas vezes mesquinha e baixa, mesmo desumana e cruel. É política, guerra, traição, fé e apostasia, tudo elevado e sublimado na graciosidade da arte.

Retomo um assunto já superficialmente afluído⁴, com a finalidade exclusiva de investigar mais um filão das raízes culturais de Camões. Como da investigação das fontes greco-latinas, deste estudo só poderá sair um Camões mais exaltado «na amplitude do seu convívio espiritual com a Antiguidade»⁵.

² A. de Azevedo Pires, *A Teologia em Camões*, Lisboa 1970 distribui a sua matéria por temas e não por géneros literários. Acumula citações do Antigo e Novo Testamento sempre que se toquem preocupações temáticas ou construções lexicais, mesmo que a dependência directa seja mais que duvidosa.

³ W. Storck, *Vida e Obra de Camões*, I, versão de Carolina Michaelis de Vasconcellos, Lisboa 1897, p. 228: «Menos duvidoso se me afigura que assistisse nas aulas de Teologia ... Fallam também a favor da hypothese os íntimos conhecimentos da dogmática e moral cristã e a mais que regular leitura do Velho e Novo Testamento, que o Poeta documentou depois».

⁴ S. da Rocha Lima, *Influências Bíblicas em Camões*, em «Revista de Guimarães», 58 (1948) 306-313, é muito pobre, tanto em material como em metodologia. A. J. A. Machado Gonçalves, *O Velho Testamento na Obra de Camões*, em «Boletim do Instituto Vasco da Gama», 79 (1960) 47-58, está longe de esgotar o assunto, que não aflora metodicamente.

⁵ A. da Costa Ramalho, *Estudos Camonianos*, Coimbra 1975, p. 85.

I — REMINISCÊNCIAS

Mesmo quando não desemboca em torrentes mais ou menos caudalosas de citações explícitas, o Antigo Testamento permeia *Os Lusíadas* de vários modos. Camões manejava uma língua fortemente impregnada de hebraísmos, como já estava o latim eclesiástico, por influência das traduções latinas da Bíblia⁶.

Quando Camões substitui o nome de Deus pelo abstracto «alta e divina eternidade» (II, 104, 5) é difícil dizer de que depende. Espelha o costume judaico, tão velho como o século IV a. C., de não pronunciar o nome de Javé. Com isso, evita-se radicalmente transgredir o segundo preceito do Decálogo: «não pronunciar o nome de Deus em vão».

«O supremo» (III, 26.6) ou «sumo Deus» (III, 43.2) evocam a fórmula hebraica 'el 'elyon, divindade pré-israelita de Jerusalém normalmente relacionada com a criação do mundo (Gn 14,19-22). Mas já a tradição hebraica a identificara com Javé. E a tradução «Deus altissimus» da Vulgata dispensa a busca de ulteriores raízes para o uso de Camões.

«Filhas do Mondego» (III, 135, 1) é um hebraísmo evidente. Que leitor do Antigo Testamento não conhecia as «filhas de Jerusalém», «a filha de Sião» ou a «filha de Tiro»?

Não é preciso ser judeu nem sequer hebraísta para que tais expressões assomem à pena.

Reminiscências vagas ou encontros fortuitos podem estar presentes em várias passagens de *Os Lusíadas*. É o caso da previsão dos actos do «forte Mascarenhas»:

*Num só dia as injúrias de mil anos
Vingarás ...*⁷

X, 57.3-4

⁶ Cf. J. Nunes Carreira, *Tradição e Inovação no Comentário de Frei Luís de Sotomaior ao Cântico dos Cânticos*, em «Didaskalia», 9 (1979) 174.

⁷ Sigo em todo o estudo a ortografia de *Os Lusíadas de Luís de Camões*, edição do Instituto de Alta Cultura, Lisboa 1972.

A oposição de um dia a mil anos encontra-se no Sl 90,4:
«Aos teus olhos, mil anos são como um dia».

Já se viu uma categoria veterotestamentária por debaixo da última estância do canto I:

*Onde poderá acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a própria vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?* I, 106.5-8

«Bicho da terra» proviria do Sl 22,7 («sou um verme e não um homem») ou de Job 25,6 («o filho do homem é um bichinho») ⁸.

O globo que Tétis apresenta a Vasco da Gama é

*Uniforme, perfeito, em si sólido
Qual, enfim, o arquétipo que o criou.* X, 79.1-2

Platonismo? Eram as ideias platónicas, os arquéticos, agentes de criação? Deixo a pergunta aos filósofos. O estudioso do Antigo Testamento recorda logo um local de *Provérbios* (8,30). E bem difícil. Segundo a interpretação dos LXX ('αρχόζουσα) e da Vulgata («cuncta componens») o «hapax legomenon» 'âmon significaria não «arquétipo» mas «arquitecto» activo na criação do mundo. Função difícil para uma D. Sabedoria, ela mesma criada (Prov 8,22).

Descrevendo o globo que oferecia, a deusa mostra a sua concepção astronómica do «diferente curso» de «todos estes orbes» e acrescenta:

*Bem como quis o Padre omnipotente
Que o fogo fez e o ar, o vento e a neve* X,90.5-6

Para Tétis, o «Padre omnipotente» é Júpiter. Para Camões é Deus, que dá «neve» (Sl 147,16) e a quem louvam «fogo e

⁸ Cfr. S. da Rocha Lima, o. c., pp. 311-312.

granizo, neve e bruma» (Sl 148,7-8)⁹. Podíamos ainda pensar nesse magnífico poema de ciência e ironia que é o discurso tempestuoso de Javé a um Job confuso e aterrado (Job 38-39). Lá vêm interrogações sobre a origem da luz, do lume das faíscas e da neve:

«De que lado habita a luz?» (Job 38,19).

«De que lado se vê o relâmpago, quando reparte as suas faíscas sobre a terra?» (Job 38,24).

«Chegaste aos depósitos da neve?» (Job 38,22).

Só o criador dos elementos conhece verdadeiramente a sua origem e natureza, insinua-se.

Quando o Velho do Restelo tira do «experto peito» a grande invectiva:

*Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos fama!* IV, 95.1-2

parece estar a imitar o enigmático Qohelet, que nesta moldura enquadra as suas melancólicas cogitações: «Vaidade das vaidades, tudo é vaidade» (Qoh 1,2; 12,8)¹⁰.

Se exceptuarmos a possível alusão a Is 38,15 de que falaremos mais adiante, nunca os profetas do Antigo Testamento fornecem motivos ao cantor de *Os Lusíadas*. Só se conhece vagamente uma «profética ciência»:

*E também porque a santa providência
Que em Júpiter aqui se representa,
Por espíritos mil que têm prudência
Governa o mundo todo que sustenta
(Ensina-lo a profética ciência
Em muitos dos exemplos que apresenta)* X, 83,1-6

⁹ Cf. *Os Lusíadas de Luis de Camões*, comentados por Manuel de Faria e Sousa, edição comemorativa, Lisboa 1972, II, 485.

¹⁰ Cf. A. de Azevedo Pires, *o. c.*, p. 160.

Maravilhoso ecumenismo, em que a Providência, Júpiter e os profetas se dão as mãos para demonstrar a existência dos anjos. Comenta Faria e Sousa:

«Dize que los propios profetas sacros enseñã dos cosas: una q̄ Dios gobierna todo lo criado por esses espíritus que ja diximus ... *Angelis suis mandavit de te etc.* Otro, que los mismos Profetas hablan frequentemente por figuras; a vezes muy diferentes a nuestro parecer, do que quieren dar a entender con ellas; como el poeta hace en todo este poema, con la introduction de varias deidades, a representar la verdadera»¹¹.

Tão vago é o épico como o seu exegeta. A única referência veterotestamentária é a do Sl 91,11. Podia-se ainda pensar no Sl 103,20. Mas nem Faria e Sousa nem Azevedo Pires¹² conseguem apelar para um só lugar profético. Realmente, a «profética ciência» deve estar genericamente por Escrituras Sagradas. E, nesse caso, trata-se da Angelogia bíblica em geral, tanto do Antigo como do Novo Testamento¹³.

A referência a

E a Judeia que um Deus adora e ama III,72.4

é vaga em demasia para se filiar com segurança. Que ideia baila na mente de Camões? O Deus Uno do Antigo Testamento ou o Deus Incarnado do Novo? Provavelmente nem um nem outro Testamento está na base da afirmação. A origem deve ser Lucano, que, entre as terras conquistadas por Pompeu, menciona a «Judeia dada aos sacrificios de um deus não conhecido»¹⁴.

¹¹ o. c., II, 465.

¹² o. c., p. 22.

¹³ Um dos estudos mais recentes sobre a angelologia veterotestamentária é o de V. Hirth, *Gottes Boten im Alten Testament. Die alttestamentliche Mal'ak-Vorstellung unter besonderer Berücksichtigung des Mal'ak-Jahwes-Problems*, Berlin 1975.

¹⁴ Cf. *Os Lusíadas* ..., Instituto de Alta Cultura, p. 34C citando *Civilis Belli siva Pharsaliae*, II, 583-594.

Do *Livro de Daniel* provém, ao que parece, a qualificação da Grécia como «terceira monarquia». Foi interpretação muito generalizada que os quatro reinos de Dan 2 e 7 fechavam com o império romano. Se este era o quarto, ao império de Alexandre e sucessores cabia automaticamente o terceiro lugar. Daí que

As bandeiras da Grécia gloriosas
Terceira Monarquia

VII, 54,2-3

se refiram ao império do Macedónio.

Noutro passo, o «valor da forte gente de Luso» é tal

Que por ela se esqueçam os humanos
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

I, 24.6-8

Cá estão novamente os Gregos em terceiro lugar. A fonte é que não pode ser exclusivamente o *Livro de Daniel*, pois os Romanos ainda não assomavam ao horizonte do autor com nitidez bastante e a sua primeira monarquia ultrapassava os Assírios para se fixar em Babilónia. «A cabeça de ouro és tu» (Dan 2,37), diz o pajem hebreu ao grande Nabucodonosor. Ora a cabeça de ouro simbolizava no sonho o primeiro reino. O autor de Daniel terá adaptado um esquema encabeçado pelos Assírios. Ignorou-os e fez descer os impérios mundiais por esta ordem: Babilónios, Medos, Persas e Gregos¹⁵. Ou Camões depende dos «antigos» em geral¹⁶ ou adaptou livremente os antigos a *Daniel*, na interpretação messiânica que faz desembocar os reinos da terra no império romano, em cuja vigência nasceu Jesus Cristo.

¹⁵ Cf. J. Nunes Carreira, *Livro de Daniel*, em *Bíblia Ilustrada*, Antigo Testamento, V, Porto 1970, pp. 366-447.

¹⁶ L. de Camões, *Os Lusíadas*, edited with Introduction and Notes by F. Pierce, Oxford 1963, p. 169.

Há finalmente um alusão estranha na descrição da chegada da armada a Melinde:

*A memória do dia renovava
O pressuroso Sol, que o Céu rodeia,
Em que aquele, a quem tudo está sujeito,
O selo pôs a quanto tinha feito,*

*Quando chegava a frota àquela parte
Onde o Reino de Melinde já se via
De toldos adornada e leda arte
Que bem mostra estimar o Santo dia.* II, 72-5-8
73.1-4

A generalidade dos comentadores identifica o «santo dia» como o Domingo de Páscoa, que naquele ano de 1498 caiu a 15 de Abril¹⁷.

Mas como chamar a um domingo *o dia / .../ em que aquele a quem tudo foi sujeito / o selo pôs a quanto tinha feito*? Parece tratar-se antes de um sábado, dia em que o criador «encerrou as obras que fizera» e «descansou de todas as obras que empreendera» (Gn 2,2). A questão é dupla: em que dia chegou realmente Vasco da Gama a Melinde? E em que dia Camões o faz chegar? A primeira parte resolve-se com recurso aos cronistas. A segunda é mais melindrosa. Será Camões cristão novo, para chamar ao sábado «santo dia»? Ou o sábado de aleluia merece a mesma qualificação? Ou há mesmo um pensamento teológico mais profundo e retintamente cristão: com a ressurreição do seu Filho, novo Adão, Deus instaurou a ordem criacional escatológica e assim «o selo pôs a quanto tinha feito»? As duas últimas hipóteses parecem-me as mais plausíveis.

¹⁷ Cf. *Os Lusíadas* by Luís de Camões, edited with Introduction and Notes by J. D. M. Ford, Cambridge, Mass., 1946, p. 332; *Os Lusíadas ...*, Instituto de Alta Cultura, p. 322; F. Pierce, *o. c.*, p. 72.

II — ALUSÕES EXPLÍCITAS

É tempo de fazer desfilar e compreender as alusões claras e inequívocas, que também as há e em abundância. Sigamos a ordem canónica cristã dos livros veterotestamentários, pois o Antigo Testamento de Camões era o cristão.

O oásis em que o primeiro homem veio à existência, abusivamente baptizado de «paraíso»¹⁸ (Gn 2), situa-o Camões com uma tradição antiga para os lados de Damasco. É o «campo damasceno» (III, 9).

Em Éden nascem o Tigre e o Eufrates, segundo o relato javeísta (Gn 2,14) e *Os Lusíadas*. Na narrativa do Gama ao rei de Melinde, evoca-se

*... a Arménia, que derrama
As águas de dous rios, cuja fonte
Está noutro mais alto e santo monte*¹⁹ III, 7.6-8

Na descrição do golfo Pérsico insiste-se na ideia:

*Ali ao Tigre o Eufrates se mistura
Que as fontes onde nascem têm por glória.* IV, 64.3-4

E que maior glória haverá do que participar da grandeza dos tempos e lugares primordiais?

Já não se vê razão de tanta monta para nimbar o Ganges da auréola de santidade. Mas assim reza a dedicatória a D. Sebastião:

*Vós que esperamos jugo e vitupério
Do torpe Ismaelita cavaleiro
Do Turco Oriental e do Gentio
Que inda bebe o licor do santo Rio* I, 8.5-8

¹⁸ Cf. Westermann, *Génesis 1-11* (BK I, 1), Neukirchen, 1971, p. 300; J. Nunes Carreira, *O homem e a civilização na Mesopotâmia e em Israel*, em «Arquipélago», Série de Ciências Humanas, 2 (1980) 267-268.

¹⁹ Cf. *Os Lusíadas* ..., Instituto de Alta Cultura, p. 341; J. D. M. Ford, o. c., p. 348: «In Middle Ages the Garden of Eden or Earthly Paradise was placed traditionally on the top of a lofty mount».

Não se vê por que motivo «o santo rio» hão-de ser dois, o Indo e o Ganges²⁰, tanto mais que o nimbo só vai afectar o Ganges, no decurso da epopeia. Ele mesmo se apresenta em sonho a D. Manuel:

*Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro* IV, 74.1-2

É ainda

(E) o Ganges que no céu terreno mora VII, 1.4

Na contradança, ora rodopia a «terra» com o adjectivo «celeste» ora o «céu» é qualificado de «terreno». A diferença é meramente semântica.

Donde virá esta alta dignidade do Ganges? Ainda se aceitava o auto-elogio (IV, 74). Mas Camões deixa-se embalar pela mesma música (I, 8; VII, 1). O enigma resolve-se, se o Ganges puder mergulhar a sua dignidade de «santo rio» no mesmo chão do Tigre e Eufrates («cuja fonte / está noutra mais alto e santo monte») ou seja, em Éden.

Esse pedaço de ciência geográfica que é Gn 2,10-14, transplantada pelo Javeísta para o jardim primordial, menciona mais dois rios, o Pishon e o Gihon, ao lado do Tigre e Eufrates. Os exegetas têm-se fartado de suar à cata da identificação. Torrentes míticas? Cursos de água reais? E, neste caso, com que rios se identificam? Em qualquer hipótese, «o dos borboitões» (Pishon) deve andar para os lados do Oriente, pois banha a terra de Havilat, talvez a península da Arábia. Já se identificou com mais de meia dúzia de rios conhecidos. O Gan-

²⁰ Assim J. M. D. Ford, *o. c.*, p. 314; L. de Camões, *Os Lusíadas*, Ano do IV Centenário da publicação do Poema, Ministério da Marinha, Lisboa 1972, p. 297; *Os Lusíadas de Luís de Camões*, Europa-América, Lisboa 1980, p. 22.

ges é um dos contemplados²¹. Camões podia ter conhecido essa identificação de Flávio José (Ant. I, 3, 38).

Desenhado o cenário — campo damasceno, rios primordiais — pode entrar o protagonista. «Paraíso» terreal, mesmo perdido, afasta toda a ideia do drama que viveu o homem primordial. A etiologia dos males presentes emerge com toda a carga patética e estética da narrativa de Gn 3. Tudo começou com uma desobediência original. Eis a raiz de todas as manifestações da *hybris* humana:

*Mas tu ó geração daquele insano
Cujo pecado e desobediência
Não somente do reino soberano
Te pôs neste desterro e triste ausência,
Mas ainda doutro estado mais que humano
Da quieta e da simples inocência,
Idade d'ouro, tanto te privou
Que na de ferro e d'armas te deitou* IV, 98

Magnífica conjugação das fontes clássicas com o Antigo Testamento! Aqui se foi buscar a tragédia do homem primordial, o «insano» que deu ouvidos à mulher e perdeu o jardim luxuriante que lhe servia de morada. O «pecado e desobediência» levou o casal ao desterro: estamos a vê-los, embrulhados no enxoval da despedida (uma simples túnica de pele) a olhar para um paraíso perdido e ciosamente guardado pelos raios da divindade ofendida (Gn 3). Do «paraíso» ficara apenas a recordação amarga. Do «pecado» a sina triste de um pão amassado no suor do rosto (Gn 3,17) e de uma gravidez e parto carregados de alegria e dor (Gn 3,16). E lá vai toda a sua «geração» embarcada na mesma nau de amargura e tragédia.

²¹ W. H. Gispen, *Genesis 2: 10-14*, em *Studia biblica et semitica Th. Ch. dedicata*, Wageningen 1966, pp. 118-119.

Aqui já há mais do que Gn 3: é a doutrina teológica do pecado original que se comunica a todos os descendentes do primeiro homem.

Se as primeiras expressões do desabafo do Velho do Restelo não ultrapassavam o horizonte de Gn 3 teologicamente interpretado, já as últimas linhas dependem de Hesíodo (*Trabalhos e Dias*, 190-201) e Ovídio (*Metamorfoses*, I, 89-150). Dan 2, embora identifique o reino de Nabucodonosor com a «cabeça de ouro», não tem o sentido da «idade de ouro» das fontes clássicas nem apresenta na sucessão dos metais a ideia de degenerescência. Podiam juntar-se comodamente a narrativa de Gn 3 e o mito das Idades do Mundo, porque num e noutro caso o que está presente é uma etiologia dos males actuais. A observação do classicista, segundo a qual «em Camões é difícil encontrar uma fonte única para qualquer episódio ou trecho significativo»²², ganha maior amplitude. As fontes greco-latinas abraçam o Antigo Testamento num audacioso ecumenismo literário.

O pecado de Adão já fora evocado na descrição da Arábia:

*Estas duras montanhas, adversárias
De mais conversação, por si mostravam
Que dêis que Adão pecou aos nossos anos
Não as romperam nunca pés humanos* IV, 70.6-8

E voltará a ecoar na resposta do Gama ao Catual:

*Se os antigos delitos, que a malícia
Humana cometeu na prisca idade
Não causaram que o vaso da nequícia,
Açoute tão cruel da Cristandade,
Viera pôr perpétua inimicícia
Na geração de Adão co a falsidade,
Ó poderoso Rei, da torpe seita,
Não conceberas tu tão má suspeita.* VIII, 65

²² A. da Costa Ramalho, o. c., p. 83.

A «prisca idade» é a das origens (Gn 2-3). O «vaso da nequícia», identificado com o diabo²³ ou com Maomé²⁴, passa para o singular os «vasa iniquitatis» de Gn 49,5.

Outro personagem importante da história bíblica das origens (Gn 1-11) é Noé. Das aventuras mirabolantes do dilúvio (Gn 6-8) ao plantio da vinha (Gn 9,20-21), Noé ganhara merecida fama de herói de antanho. Ainda no tempo de Ezequiel circulava a memória desse personagem famoso (Ez 14,14.20). *Os Lusíadas* conhecem as duas facetas. Recordam a nova ordem do mundo, quando Noé, ainda mal refeito do susto da catástrofe, é intimado a sair da arca. Valeriam ainda nesta ordem as antigas bênçãos criacionais do «crescei e multiplicai-vos»? Deus tem de mandar sair da arca e sossega os sobreviventes: a bênção da fecundidade mantém-se e há que repovoar o mundo (Gn 9,1-7). Dilúvio e bênção são evocados na bela oração de Vasco da Gama, por alturas da horrenda tempestade que põe fim ao episódio dos Doze de Inglaterra:

*Tu que livraste Paulo e defendeste
Das sirtes arenosas e ondas feias
E guardaste, cos filhos, o segundo
Povoador do alagado e vácuo mundo* VI, 81.5-8

O papel de inventor da viticultura está bem claro na locução para vinho: «o licor que Noé mostrara à gente» (VII, 75.6). Mas aí temos um concorrente, Baco/Lieu. No primeiro contacto com as gentes de África, o capitão

*As mesas manda pôr em continente
Do licor que Lieu prantado havia.* I, 49.5-6

Da África para a Índia, a autoria da invenção da vinha passara de Baco para Noé. Mais uma amostra de ecumenismo

²³ D. M. J. Ford, *o. c.*, p. 417; F. Pierce, *o. c.*, p. 192.

²⁴ *Os Lusíadas* ..., Instituto de Alta Cultura, p. 435.

literário ou coerência íntima da epopeia? Na boca do autor é um deus pagão o inventor da vinha. Para o cristão Vasco da Gama é evidentemente Noé.

Os *Lusíadas* aludem por três vezes a Babel e à sua famosa torre (Gn 11,1-9). A propósito da expedição de Pero da Covilhã e Afonso de Paiva à Abissínia conta o Gama:

*Entram no Estreito Pérsico, onde dura
Da confusa Babel inda a memória* IV, 64.1-2

Ao evocar-se a chegada à Índia e o encontro com gentes doutros falares, vinha mais que a propósito citar a construção da torre, onde o narrador bíblico plantou etiologicamente a origem da diversidade das línguas:

*O povo que concorre vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quisera
Perguntar; mas, no tempo já passado,
Na Torre de Babel lhe foi vedado.* VII, 45.5-8

Outra nota de relato bíblico é a *hybris* dos construtores, que pretendiam «chegar ao céu» (Gn 11,4). O épico converte a altura em força. A tempestade era tamanha e

*Os ventos eram tais, que não puderam
Mostrar mais força d'ímpeto cruel,
Se pera derribar então vieram
A fortíssima Torre de Babel.* VI, 74.1-4

Passando das origens à História dos Patriarcas, topamos logo com o nome de Abraão. Dele se reclamam os naturais da ilha de Moçambique:

*Nós temos a Lei certa que ensinou
O claro descendente de Abraão:
Que agora tem do mundo o senhorio
A mãe Hebreia teve, e o pai, Gentio.* I, 53.5-8

É a fonte veterotestamentária da origem abraamítica de Ismael, aliada à crença maometana sobre os pais do seu profeta ²⁵.

De Ismael conhecia Camões a bela lenda javeista (Gn.16) sobre as condições precárias que rodearam o nascimento. Tudo começou com o choque de duas cabeças duras, a mulher e a concubina. É esta que, expulsa para o deserto, dará à luz Ismael. O «torpe Ismaelita» (I, 8) que daí deriva tem uma longa história de batalhas com as armas lusitanas. Já nos alvares da monarquia, o Conde D. Henrique

*... contra os descendentes
Da escrava Agar vitórias teve* III, 26.1-2

Agar é a concubina de Abraão e mãe de Ismael.
Nos campos de Tarifa, diz ainda o Gama ao rei de Melinde:

*Estão os netos de Agar quasi rindo
Do poder dos Cristãos, fraco e pequeno* III, 110.1-2

E já na Índia, aparece um

*Sacerdote da lei de Mafamede
.....
Em forma de Profeta falso e noto
Que do filho da escrava Agar precede* VIII, 47.2.5-6

Mais subtil é a presença da enternecedora saga eloísta (Gn 21,8-21). Odre às costas e filho no braço, aí vai Agar em demanda do deserto com um farnel de miséria. Acaba-se a

²⁵ *Ibid.*, p. 304: «Camões conhecia o passo de Barros II.X.V: 'Nasceo em Itarip, lugar pequeno da Arábia seu pae (segundo dizem os Mouros) era de hũa linhagem a que elles chamão chorax, & vem de Ismael, & avia nome de Abdelá geñtio, sua mãe Enima, a qual era Hebreá, ambos pessoas do povo ...'».

água e a sede aperta. Mãe e filho estão ameaçados de morte. Mas como assistir ao passamento de um filho, perdido de sede em plena estepe? Agar abandona a criança junto a um arbusto, tão longe que a não veja morrer, tão perto que a ouça chorar. E também «Deus ouviu» (=Ismael) e mostrou um poço a Agar aflita. A lenda soube localizar a fonte em que Agar dessedentou o filho e encheu o odre. Era junto à Caaba da

*Cidade de Meca, que se engrandeceu
Com a superstição falsa e profana
Da religiosa água Maumetana.* IX, 2.6-8 ²⁶

Da grande epopeia do povo hebreu em marcha lenta e atribulada do Egipto para Canaã fixou-se o episódio mais dramático, a travessia do mar Vermelho (Ex 14). Talvez já se evoque no «Mar Roxo tão famoso» (II, 49.1), pois a fama não lhe vem de outro lado. Onde não há qualquer espécie de dúvida é na narrativa do Gama ao rei de Melinde, no contexto da expedição à Abissínia:

*Passam também as ondas Eritreias
Que o povo de Israel sem nau passou;* IV, 63.1-2

Por ocasião da procela atrás mencionada, é ainda o Gama que invoca a Deus e, ao jeito dos salmos de lamentação, lhe lembra intervenções salvíficas passadas para que acuda à situação presente:

*Divina Guarda, angélica, celeste,
Que os céus, o mar e a terra senhoreias:
Tu que a todo o Israel refúgio deste
Por metade das águas Eritreias* VI, 81.1-4

Finalmente, na alocução de Tétis:

*Olha as águas nas quais abriu patente
Estrada o grão Mousés na antiga idade.* X, 98.5-6

²⁶ *Ibid.*, p. 441.

Do Tetrateuco é tudo, a não ser que se aluda ao incesto de Rúben com a concubina de Jacob (Gn 35,21-22), entre os «exemplos ... mil de amor nefando» (IX, 34.6):

Um mancebo de Assíria, um de Judeia. IX, 34.8

Parece, todavia, mais plausível entender este mancebo como Amnon, filho de David, que com o estratagema da doença fictícia conseguiu atrair e violar a meia-irmã Tamar (2 Sam 13). Foi um caso mais famoso e de graves consequências para a sucessão ao trono de David. Passou-se numa Judeia definitivamente ocupada, não na «terra das peregrinações» (Gn 17,8), como o escritor sacerdotal chama a Canaã do tempo dos patriarcas. E não deixou apenas dois versículos na tradição literária, mas um capítulo inteiro.

As aventuras trágico-cómicas de Sansão e a estranha origem da sua força descomunal (Jz 13-16) são evocadas a propósito da bravura de D. João I:

*Joane, a quem do peito esforço crece,
Como a Sansão Hebreio da guedelha* IV, 12.1-2

O duelo entre David e Golias (1 Sam 17,4) estava naturalmente predestinado a dar pasto à fantasia dos artistas. Camões soube-o aproveitar como símile da luta entre cristãos e mouros:

*Qual o membrudo e bárbaro Gigante
Do Rei Saul com causa tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras e esforço apercebido,
Com palavras soberbas, o arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que, rodeando a funda, o desengana
(Quanto mais pode a Fé que a força humana!)*

*Dest'arte o Mouro pérfido despreza
O poder dos Cristãos ...* III, 111-112.1-2

Não é preciso mencionar os actores. Toda a gente sabe quem é o «pastor inermes», o «moço mal vestido» que, «rodeando a funda», esmaga o «gigante». Nem este carece de identificação. Só o desastrado Saul merece as honras de menção explícita.

Salvar-se do naufrágio sofrido no mar da China em 1558 pareceu a Camões um milagre. Lá lhe ocorreu o Antigo Testamento com um protótipo. Ezequias estivera mesmo nas garras da morte com uma doença grave. Isaías diz-lhe que os seus dias estão a acabar. E o piedoso rei, ao ouvir sentença tão cruel, vira-se para a parede, lamenta-se, chora, faz valer os seus méritos. É ouvido. Tão certo como a sombra de um relógio de sol é capaz de recuar dez graus, tão certo Ezequias recobrará a saúde. É ainda Isaías quem o garante. O rei regressa à vida, assim lhe pareceu (2 Re 20,1-8; Is 38,1-8). Igual sensação teve o épico:

*Que não menos milagre foi salvar-se
Que para o Rei Judaico acrecentar-se.* VII, 80.7-8

Só mais um livro histórico é lembrado: *Tobias*. Sem ele, o nome do padrão deixado pelos nautas na foz do rio dos Bons Sinais ficaria para sempre um enigma, pois

*... o nome tem do belo
Guiador de Tobias a Gabelo* V, 78.7.8

Era o padrão do arcanjo S. Rafael, que guiou Tobias até casa de Gabael (Tob 4,20; 5,1-4.8; 6,1.14.18; 9,1-6).

Deixemos passar, finalmente, o mais luzido cortejo de personagens veterotestamentárias. Precedem-nas, com o habitual ecumenismo irénico, a «bela Helena», «Ápio» e «Tarquino» das fontes clássicas. E lá vem, na cauda, um punhado de exemplos nada edificantes do Antigo Testamento:

*Do pecado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deus o quis e permitiu:*

*Os que foram roubar a bela Helena,
E com Ápio também Tarquino o viu.
Pois por quem David Santo se condena?
Ou quem o Tribo ilustre destruiu
De Benjamim? Bem claro no-lo ensina
Por Sarra Faraó, Siquém por Dina.* III, 140

«Vício vil» e «baixo amor», como os de D. Fernando e D. Leonor, ensombraram tanto o mundo clássico como o bíblico. David «santo» era tão humano e pecador que se desnorteou completamente ao contemplar, na morna ociosidade da tarde, Betsabé no banho. Logo aconteceu o adultério. Com mais refinada covardia, junta à luxúria o assassinato do esposo traído, o hitita Urias. Deus quis que sentisse o castigo na área do crime: o filho adúltero morre (2 Sam 11-12).

Outra cena horripilante aconteceu em Benjamim. Atraves-sava o território um levita de Efraim, acompanhado de uma concubina de Judá. Enterrava-se o sol para os lados do Medi-terrâneo, quando o par chega a Gibeá. E aí se produz um crime sexual, muito mais repugnante e abjecto do que a fra-queza de David, enlouquecido por um belo corpo de mulher no banho. Acorre à porta do hospedeiro uma matilha de valde-vinos em cio. Arrancam a mulher à força e abusam dela toda a noite. Na manhã seguinte, levanta-se o marido para seguir viagem. A mulher jazia, mãos sobre o rebato, ultrajada e morta. O castigo foi o quase total aniquilamento da tribo (Jz 19-20).

Os dois outros exemplos veterotestamentários têm por acto-res mulheres israelitas, as vítimas, e homens estrangeiros de sangue principesco, os criminosos. Sara, a Sarra de Camões, devia ser muito nova e bela, não a centenária resultante da fusão da história sacerdotal, tardia, com a lenda antiga reco-lhida pela Javeísta (Gn 12,10-20). Ou porque fosse realmente meia-irmã de Abraão, como explicará, cauteloso e moralizante,

o Eloísta (Gn 20,12) com o acordo dum assiriólogo moderno²⁷, ou por astúcia beduína, o hebreu julgou que salvava a pele se entregasse a mulher. Não fossem os egípcios cobiçá-la e desfazer-se do marido, Abraão aconselhou Sara a fazer-se passar por sua irmã. O receio era fundado. E o estratagema resultou: Sara é levada para o harém do faraó, que recompensa largamente a Abraão. Mas «Javé descarregou grandes pragas sobre o faraó e a sua casa, por motivo de Sara, a mulher de Abraão» (Gn 12,17).

Também os Siquemitas pagaram caro o atrevimento do filho de Hamor, príncipe da cidade. Por detrás da saga da violação de Dina e do pacto matrimonial dos filhos de Jacob com os habitantes de Siquém devem andar reminiscências históricas da sedentarização das tribos de Simeão e Levi²⁸. Aceitemos, porém, a tipificação exemplar da lenda. Os Siquemitas, para compensar a violação de Dina, concordam com a integração dos Israelitas e cedem a um seu costume ancestral, a circuncisão. Simeão e Levi aproveitam a prostração febril resultante da pequena intervenção cirúrgica, caem sobre os varões que se torciam com dores e passam-nos ao fio da espada (Gn 34). Está provada escriturísticamente a tese que «do pecado tiveram sempre a pena / muitos, que Deus quis e permitiu». O Antigo Testamento conhece ambas as coisas: os demandos sexuais e a respectiva punição.

Resta-nos uma alusão clara e directa ao Antigo Testamento, embora não se possa identificar um lugar. «Ofir» é uma terra

²⁷ E. A. Speiser, *Genesis* (AB 1), Garden City, N. Y., 1964, pp. 91-94 pensa que os patriarcas seguiam, neste ponto, os costumes de Nuzi, em que o casamento entre irmãos (carnais ou adoptivos) não só era legítimo, mas se revestia de especial dignidade. Estudos posteriores puseram a nu as fraquezas da hipótese de Speiser, cf. D. Freedman, *A New Approach to the Nuzi Sistership Contract*, em *Journal of the Ancient Near Eastern Society of Columbia University*, 2 (1970) 77-85; S. Greengus, *Sisterhood Adoption at Nuzi and the «Wife-Sister» in Genesis*, em *HUCA*, 46 (1975) 5-31.

²⁸ Cr. R. de Vaux, *Histoire ancienne d'Israël*, I. Des origines à l'installation en Canaan, Paris 1971, pp. 166, 592, 595.

onde abunda o oiro. Anda ligada a Havilat (Gn 10,29), terra de oiro fino (Gn 2,11). De lá recebeu Salomão quatrocentos e vinte talentos de oiro de uma vez (1 Re 9,20). Tão atraente era o metal que o rei sábio armou uma frota para ir a cata do *zâhâb mē'ôpir*, «oiro de Ofir» (1 Re 10,11). Josafat concebe o mesmo projecto. Arma nova esquadra (que se havia de afundar no porto de origem, antes da partida) *laleket ôpirah lazzâhâb*, «para ir a Ofir ao oiro» (1 Re 22,49). Já David cobicçara o «oiro de Ofir» (1 Cron 29,4), cuja fama perduraria quase até ao último livro da literatura hebraica antiga (cf. Job 22,24; 1 Cron 1,23; 2 Cron 8,18; 9,10). Camões conhecia a fama tradicional, pois diz de Malaca:

*«Áurea» por epíteto lhe ajuntaram;
Alguns que fosse Ofir imaginaram.* X, 124.7-8

Mais uma vez se combina o Antigo Testamento com outras fontes antigas, para as quais Malaca era a «península Áurea», *χερσόνησος ἢ χρυσή*²⁹.

²⁹ Cf. J. D. M. Ford, *o. c.*, p. 447.

CONCLUSÃO

O Antigo Testamento dilui-se envergonhado no grandioso travejamento mitológico de *Os Lusíadas*. Dominam serenamente as figuras de Vénus, Marte, Baco e Júpiter. Abundam os exemplos da literatura clássica. «Tire-se aos *Lusíadas* o elemento mitológico: ficará o tema totalmente desfeito na sua unidade, no seu movimento, na sua força, em todas as faculdades inspiradoras de interesse»³⁰.

Se atentamos nos géneros literários a que o épico foi buscar os seus exemplos veterotestamentários, verificamos que eles se reduzem a um só — o historiográfico (incluindo nesta epígrafe, como certamente faria Camões, as etiologias e narrativas de criação de Gn 1-11). Profetas e hagiógrafos do cânone cristão parecem não ter servido aos propósitos da epopeia (se exceptuarmos Is 38,1-8; 2 Re 20,1-11). A mina mais explorada foi o Tetrateuco (dezanove ocorrências) e a Obra Histórica do Deuteronomista (cinco citações). Nem falta o deutero-canónico *Tobias*, ausente da Escritura Hebraica e só aceite no cânone cristão (católico e ortodoxo). Oito vezes se alude à História das Origens, seis às sagas patriarcais, três à passagem miraculosa do mar Vermelho (Ex 14). Evocam-se as façanhas de heróis tribais na fase da instalação e adaptação à vida sedentária (Jz 13-16: Sansão) e as lutas internas que por pouco não dizimam tribos inteiras (Jz 19-20). Assiste-se à afirmação gradual dos Israelitas recém-chegados duma vida nómada semi-selvagem, até ao confronto com os poderosos Filisteus, nos alvares da instituição da monarquia (1 Sam 17: David e Golias). Ao jovem David tão corajoso no combate sucede o rei maduro e ocioso, deleitando-se a contemplar e cobiçar belezas proibidas, enquanto os seus vassallos fazem a guerra (2 Sam 12). A cura miraculosa de Ezequias (2 Re 20) e o romance pitoresco de Tobias arredondam a cena. Nas alusões

³⁰ A. Nunes de Almeida, *O elemento maravilhoso nos «Lusíadas»*, em *Estudos*, 26 (1948) 189.

prováveis campeia ainda o Génesis (cinco vezes). Ao lado, vegetam *Daniel* (?) e os *Salmos* (104, 15).

Quem cita, n'*Os Lusíadas*, o Antigo Testamento? Sem dúvida, o próprio autor, com sete alusões (VI, 14; VII, 45; 75; 80; VIII, 47; IX, 9; 34). Avantage-se-lhe, porém, o Gama, que em preces e discursos onze vezes puxa dos Livros Santos (III, 26; 22; 110; 111-112; 140; IV 12; 63; V, 78; VI, 64; 81; VIII, 65). O primeiro personagem a mencionar essa antiguidade pré-clássica é Júpiter (II, 49). Tétis intervirá duas vezes nesse sentido (IX, 98; 125). Ao «velho de aspecto venerando» fica bem evocar esse manancial de sabedoria dos antigos (IV, 98). Nas alusões possíveis leva o poeta a dianteira: I, 8; 61; II, 72-73; VII, 1; 54. O Gama entra só uma vez (III, 9) e o Ganges outra (IV, 74).

Ao lado do recheio clássico e mitológico de *Os Lusíadas*, o Antigo Testamento faz figura de parente pobre. Mais pobre ficaria, no entanto, a epopeia sem esse convívio com personagens de uma antiguidade e de uma literatura que não conheceram nenhuma «renascença», por dela não carecerem. Enquanto os clássicos jaziam nas bibliotecas aferrolhadas e burolentas e as literaturas orientais amareleciam nas paredes ou mergulhavam em ruínas soterradas, o Antigo Testamento fez o seu caminho na História como realidade viva, cantada, declamada e rezada, alimentando gerações e gerações de crentes. Até alimentar Camões e os seus memoráveis *Lusíadas*.

Ponta Delgada, Junho de 1980.